

ABORDAGEM NIETZSCHIANA DA CULTURA NA OBRA “O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA”

The Nietzschean approach of culture in “The Birth of Tragedy”

Maria Lucivane de Oliveira Morais¹

RESUMO: O objetivo geral desse artigo consiste em analisar a obra “*O nascimento da tragédia*”, escrita por Friedrich Nietzsche em 1872, destacando sua compreensão sobre a cultura. Nela, foram tecidas análises iniciais sobre a cultura grega conceituando-se o papel do apolíneo e do dionisíaco como impulsos estéticos e cósmicos que originavam a tragédia; de Eurípedes e Sócrates como causadores de sua destruição devido à racionalidade intrínseca a um novo juízo artístico. Assim, as criações modernas emergiam constituídas por valores socráticos que buscavam a verdade e não mais a experiência trágica. Como consequência, tem-se a decadência da cultura do homem grego e também do alemão do século XIX. Sua salvação dependeria da construção de uma nova cultura autêntica capaz de retornar a arte trágica grega, pois o filósofo a compreendida como justificação estética da existência, ilustrando a vida e elaborando-a a partir de diferentes máscaras. Dentre as soluções propostas, Nietzsche cita obra de Wagner como possibilidade de reavivamento dos impulsos apolíneo e dionisíaco por meio da música que daria novos sentidos a cultura ao assumir seu papel de renovação. Observa-se que o ponto essencial tratado nesta obra é que a única justificativa para a existência é a estética (trágica).

Palavras-chave: Nietzsche. Tragédia. Apolíneo. Dionisíaco. Wagner.

SUMMARY: The general objective of this article is to analyze the work "The Birth of Tragedy", written by Friedrich Nietzsche in 1872, by highlighting his understanding of culture. In that book initial analyzes of Greek culture were conceptualized as the role of the Apollonian and the Dionysian as cosmic and aesthetic impulses that originated the tragedy; Of Euripides and Socrates as the cause of their destruction because of the rationality intrinsic to a new artistic judgment. Thus, modern creations emerged constituted by Socratic values that sought the truth and no longer the tragic experience. As a consequence, one has the decadence of the culture of the Greek man and also of the German of century XIX. His salvation would depend on the construction of a new authentic culture capable of returning to Greek tragic art, for the philosopher understood it as the aesthetic justification of existence, illustrating life and elaborating it from different masks. Among the proposed solutions, Nietzsche cites Wagner's work as a possibility of reviving Apollonian and Dionysian impulses through music that would give new meanings to culture by assuming its role of renewal. It is observed that the essential point treated in this work is that the only justification for existence is aesthetic (tragic).

Keywords: Nietzsche. Tragedy. Apollonian. Dionysian. Wagner.

1 INTRODUÇÃO

A primeira obra publicada por Friedrich Nietzsche foi nomeada como *O nascimento da tragédia* (1872) ou *Helenismo e pessimismo*, 2ª edição de 1886, no qual foi acrescido um *Ensaio de Autocrítica*, e, que é resultado dos estudos promovidos enquanto recuperava-se de uma doença adquirida no decorrer da guerra franco-prussiana.

¹ Mestrando em Filosofia/UNIOESTE.

Definido por muitos estudiosos como um “filósofo da cultura”, Nietzsche dedica grande parte de suas obras à análise dessa temática porque, segundo ele, encontrava-se em decadência na Alemanha na segunda metade do século XIX, sendo necessária a busca por elementos que pudessem dar-lhe um novo sentido. Encontramos em seus escritos uma articulação entre filosofia, arte e cultura.

Dentre as ideias principais que emergem no decorrer desse texto encontra-se a definição da arte trágica caracterizada pelos impulsos apolíneo e dionisiaco - metáforas inspiradas no deus Apolo e no deus Dionísio, que possuem características e objetivos totalmente antagônicos como demonstra a mitologia grega. Entretanto, a obra nietzschiana propõe sua reconciliação, atribuindo novos sentidos à arte e ao próprio culto dionisiaco, permitindo que a tragédia se configurasse com a música dionisiaca, que, por sua vez, possibilitaria o repensar da cultura grega. Assim, o apolíneo e o dionisiaco formariam a própria tragédia.

Posteriormente, em um dado momento, Eurípedes vestindo a “máscara” socrática e sua dialética, causou a morte da arte trágica lhe impondo a racionalidade e sufocando sua condição estética. Como resultado, a cultura passa a vivenciar o processo de decadência.

Esse processo inquietava o jovem Nietzsche que buscava incessantemente compreender: Como propiciar um renascimento da cultura alemã que se encontrava em estado de decadência? A solução para tal problemática levou-o a um retorno aos gregos que lhe permitiu pensar na necessidade de um renascimento da tragédia nas manifestações culturais modernas por meio de novos caminhos encontrados na música de Wagner. Isso se fazia possível devido à possibilidade de ressurgimento dos elementos apolíneo e dionisiaco, como poderá ser observado a seguir.

Dessa forma, o objetivo geral do texto que se apresenta a seguir consiste em analisar a obra *O nascimento da tragédia*, destacando a compreensão nietzschiana sobre a cultura. Seu alcance dependerá do delineamento dos seguintes objetivos específicos: 1) definir o papel do apolíneo e do dionisiaco na construção da cultura grega; 2) demonstrar o papel de Eurípedes e da dialética socrática para a destruição da tragédia grega; 3) elucidar o papel atribuído por Nietzsche à música desenvolvida por Wagner como elemento capaz de “salvar” a cultura alemã do século XIX da decadência vivida.

O método de pesquisa utilizado para a realização das considerações tecidas deuse por meio de análise bibliográfica da obra *O nascimento da tragédia* e de comentadores, como por exemplo, Barbosa (2011), Castro (2008), Freitas (2007), Machado (2005), Petry (2012), entre outros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E OS DESDOBRAMENTOS DA OBRA O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA

É comum encontrarmos diversos autores que definem Nietzsche como um filósofo da cultura, uma vez que, produziu no decorrer de sua vida diversas obras que tratavam dessa temática embora sejam percebidas mudanças na forma como lhe compreende. Afirmou que a cultura ocidental estava fadada ao niilismo sendo afetada por fatores inerentes a sua tradição filosófica, moral e religiosa. A decadência² que a caracteriza

² Nietzsche usa esse termo para demonstrar que a cultura alemã já havia alcançado um estágio maduro e, portanto, naturalmente e de forma irremediável iria passar por um processo de decomposição de todos os seus valores superiores. Trata dessa decadência em outras obras, como, por exemplo, o *Crepúsculo dos ídolos*, *O anticristo*, *O caso Wagner* e *Ecce Homo*, todas publicadas em 1886.

no mundo moderno, teria suas origens no modo socrático de pensar que impôs como base da civilização o nihilismo originário do idealismo metafísico. (CASTRO, 2008).

Logo após a Guerra Franco-Prussiana que permitiu a proclamação do Império Alemão entre os anos de 1870/1871, na qual Nietzsche fora convocado e obrigado a participar servindo como enfermeiro, ele adocece e retorna a sua residência. Nesse período começa a escrever sobre vários temas que o inquietavam há muito tempo, dentre os quais, estavam a tragédia e a arte grega, bem como sua incidência sobre o cotidiano da civilização helênica.

Como resultado de seus estudos, produziu a obra intitulada como *O nascimento da tragédia* na qual demonstra sua compreensão sobre a importância da arte, sua genealogia e reflexos sobre a cultura de uma determinada nação. As reflexões têm como parâmetro dois importantes deuses da arte grega: Apolo (deus da forma que iluminava a arte do figurador plástico) e Dionísio (pai da arte não figurada da música)³. Destes derivam os impulsos estéticos e cósmicos apolíneo e o dionisiaco, amplamente discutidos por fundamentarem a cultura trágica.

Nietzsche analisou os “ditirambos” um tipo de hino uníssono, provavelmente originário da Ásia que tinha o objetivo de louvar o deus Dionísio em eventos considerados religiosos, por serem dotados de um impulso artístico único. Neles, o corifeu – cantor principal – era acompanhado por “corais vestidos como faunos e sátiros. Esses poderiam também tocar flautas, líras e harpas. Esses grupos eram compostos em uma média de cinquenta homens” (KOEHLER, CANDELORO, 2012, p.123). Por meio dos ditirambos, a música constituiu-se como uma arte Dionisiaca.

Por outro lado, o deus Apolo é compreendido como o deus dos poderes configuradores, “a divindade da luz, reina também sobre a bela aparência do mundo interior da fantasia” (NIETZSCHE, 1992, p.29). Deus “da forma, da perfeição, dos limites, daquilo que é bom e justo, o belo, um hino de inspiração para a aparência, deus dos heróis, um deus com poderes divinatórios, um deus dos sonhos” (KOEHLER, CANDELORO, 2012, p.125).

Nietzsche observa em Apolo, deus do sol, a possibilidade de se alcançar a “verdade a redenção na aparência”. Portanto, o apolíneo corresponde a uma representação simbólica do princípio de individuação, no qual o indivíduo toma consciência de si e a imagem “como pressuposto de toda arte figurativa: as artes plásticas e parte da poesia, a épica” (LIMA, 2012, p.03).

Com o objetivo de compreender os motivos que justificam a referência aos deuses Apolo e o Dionísio e os consequentes impulsos criadores apolíneo e dionisiaco⁴, cita-se Nietzsche (1992, p.27):

Teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos não apenas à intelecção lógica, mas à certeza imediata da intuição [*Anschauung*] de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisiaco, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações. Tomamos estas denominações dos gregos, que tornam perceptíveis à mente perspicaz os profundos ensinamentos secretos de sua visão da arte, não, a bem dizer, por meio de conceitos, mas nas figuras penetrantemente claras de seu mundo dos deuses. A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a

³ Na mitologia grega esses deuses são irmãos. Apolo é fruto do casamento de Zeus com Hera, enquanto Dionísio é resultado de uma traição de Zeus.

⁴ Ambos aproximam o homem no fazer artístico.

origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [*Bildner*], a apolínea, e a arte não-figurada [*unbildlichen*] da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum "arte" lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da "vontade" helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisiaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática⁵.

Nietzsche retoma o pensamento grego tendo como referência os deuses da arte Apolo e Dionísio que cumprem diferentes papéis na sociedade grega e bárbara. Assim, os impulsos estéticos da natureza apolíneo e dionisiaco ao se fortalecerem por meio da sabedoria mítica possibilitaram desenvolvimento contínuo da arte, permeada inicialmente por contraposições e objetivos diversos, mas que posteriormente, por meio da tragédia ática, se equilibram dando-lhe novos sentidos.

A arte trágica é constituída por dois componentes principais: 1) a música - um componente dionisiaco e, 2) a palavra e a cena representantes do apolíneo expresso nas artes plásticas. Conjuntamente, esses elementos constituem o coro trágico (MARTINS, 2012). A tragédia emerge, portanto, como “um misto de poesia, linguagem mítica, louvor dionisiaco, de modo que qualquer tentativa de destruição de algum desses elementos, destruiria consequentemente a tragédia”, afinal seria desfeito o laço entre Apolo e Dionísio. (LIMA, 2011, p.02).

Barbosa (2011, p.12-13) afirma que o cerne das discussões tecidas por Nietzsche ao comparar as contribuições tão distintas dos deuses Apolo e Dionísio tem o efeito:

[...] não de oposição, mas de co-pertencimento à unidade primordial de que faz parte todo vivente; e, mais ainda, de um equilíbrio entre duas tendências artísticas fundamentais cuja unidade não destitui, em nenhum momento, a tensão característica de sua manifestação. Em meio às belas formas, ao sonho que se reveste em plástica aparece o disforme, o caótico, toda dor e todo sofrimento estão aí representados na figura de Dionísio. Apolo é a divindade do sonho, símbolo e inspirador da arte plástica dos gregos; ele é a divindade da medida, da harmonia, o princípio de individuação que mantém os indivíduos na contemplação do mundo figurativo através da consciência. Dionísio, o fundo escuro e abismal do mundo das belas formas, coloca o homem diante de uma situação perigosa: o pessimismo, a tendência a recusar a vida em função do caráter de repetição do fundo caótico que preside à lógica da vida em seu conjunto. Por sua natureza caótica, Dionísio é a própria desmesura; é o *fundamento* do mundo representado, que recolhe em si toda individuação que se representa no mundo como efetividade.

O filósofo analisou o mundo homérico, cuja necessidade existencial o fez criar sonhos que pudessem encobrir a sabedoria pessimista e o caráter ilógico da existência. A compreensão de que o mundo não possui ordem e tampouco finalidade, fez com que o grego criasse o mundo apolíneo caracterizado pela ordem e pela beleza que dariam sentido à existência, forças para suportá-la e sensibilidade apesar do sofrimento que lhe é inerente. (FREITAS, 2007).

⁵ Será tratada com maior atenção a seguir.

A força apolínea emerge como uma espécie de proteção da cultura grega contra as ameaças originárias de outras regiões, como por exemplo, as festividades bárbaras em homenagem ao deus Dionísio nas quais ocorriam orgias, excesso de bebidas e rituais que eliminavam os valores provenientes da cultura apolínea.

Nas festas de culto ao deus Dionísio as pessoas despiam-se de todos os seus princípios, sejam de individuação, da ética e de quaisquer outros limites criados pela civilização, uma vez que, revelavam sua verdadeira essência ao serem tomados pela embriaguez causada pelo vinho. Por meio do impulso dionisíaco, tem-se a produção da música, da dança, poesia lírica e até mesmo das artes “que, a princípio, estão ligadas à busca de integração, à busca da condição universal humana” (LIMA, 2012, p.04).

Como prova disso, torna-se possível inserir o seguinte fragmento textual em que Nietzsche (1992, p.33) caracteriza as festas promovidas em nome de Dionísio:

Quase por toda parte, o centro dessas celebrações consistia numa desenfreada licença sexual, cujas ondas sobrepassavam toda vida familiar e suas venerandas convenções; precisamente as bestas mais selvagens da natureza eram aqui descaimadas, até alcançarem aquela horrível mistura de volúpia e crueldade que a verdadeira “beberagem das bruxas” sempre se me afigurou ser. Contra as excitações febris dessas orgias, cujo conhecimento penetrou até os gregos por todos os caminhos da terra e do mar, eles permaneceram, ao que parece, inteiramente assegurados e protegidos durante algum tempo pela figura, a erguer-se aqui em toda a sua altivez, de Apolo, o qual não podia opor a cabeça da Medusa a nenhum poder mais ameaçador do que esse elemento dionisíaco brutalmente grotesco.

Por conseguinte, embora nos primeiros momentos os ímpetos dionisíacos fossem rejeitados, os gregos passam a crer que não poderiam manter afastadas de suas fronteiras essas festividades. Entretanto, ao mesmo tempo em que as temiam também eram impulsionados a criação de novos valores devido à experiência com o dionisíaco. A bela aparência que empregada nos valores artísticos encobria suas falhas e, o apolíneo não possuía subsídios suficientes para expulsá-lo de seus domínios e valores.

Tem-se então uma pulsão na qual se efetiva uma intensa atividade criativa na qual os gregos uniram o apolíneo e o dionisíaco⁶ que por muito tempo estiveram afastados – permitindo a formação da tragédia. Esse momento foi chamado por Nietzsche de reconciliação:

Essa reconciliação é o momento mais importante na história do culto grego: para onde quer que se olhe, são visíveis as revoluções causadas por este acontecimento. Era a reconciliação de dois adversários, com a rigorosa determinação de respeitar doravante as respectivas linhas fronteiriças e com o periódico envio mútuo de presentes honoríficos: no fundo, o abismo não fora transposto por ponte nenhuma. (NIETZSCHE, 1992, p. 34).

Como resultado, originou-se um novo momento da cultura grega na qual impera a visão dionisíaca do mundo onde o antigo deus selvagem e bárbaro se infiltra no terreno grego tornando-se helênico, tornando-se trágico constituindo a tragédia ática, ou seja, aquela de Ésquilo e Sófocles.

A partir desse momento a arte seria construída por um descompasso em que a bela aparência e os impulsos impetuosos do dionisíaco, se articulam construindo a tragédia

⁶ Nesse momento, Nietzsche conclui o dionisíaco ultrapassou os aspectos meramente destruidores como era comum entre os bárbaros, contribuindo efetivamente para a arte criadora.

ática que “[...] expressa poeticamente o absurdo e o horror da existência de modo afirmativo. Constitui-se assim, o emblema salutar de um povo que fez prevalecer à arte como meio de conferir sentido a existência”. (FREITAS, 2007, p.12).

Na Grécia do século V a.C, o ingresso do dionisíaco manifestou-se de forma positiva sobre a cultura tornando-se um fenômeno artístico que permitiu às suas festas conhecerem a música e a embriaguez tornando-se arte. Quando os desejos de Dionísio passam a ser representados no processo artístico, construiu-se um novo processo estético que, por sua vez, impedia a manifestação de seu caráter destruidor; possibilitando a articulação de arte e vida.

Nietzsche propõe que compreendamos a “[...] cultura como *Formação*, como processo de transformação do desejo, trabalho infinito de dar forma às paixões humanas para que, transfiguradas, elas possam descarregar-se artisticamente” (CASTRO, 2008, p. 133). O filósofo acreditava que até o século VII a.C, os gregos conheciam apenas a música apolínea tocada na cítara enquanto eram recitados os poemas de Homero. Contudo, a verdadeira música dionisíaca surgiu em seguida quando houve a reconciliação do apolíneo e do dionisíaco, expressando o caráter metafísico do mundo e, permitindo a intensificação das capacidades simbólicas humanas.

Dessa forma, a filosofia nietzschiana aponta os impulsos apolíneo e dionisíaco como responsáveis pela sustentação da condição humana, mesmo com naturezas tão distintas, mas que se manifestam na vida e sua necessidade de conservação. Portanto, a tragédia ática tem como estrutura a união entre tais impulsos originários de Apolo e Dionísio que se refletem no mito e na música.

A intensa análise sobre a cultura grega permitiu a Nietzsche afirmar que a morte da arte trágica grega teria dois motivos distintos: o primeiro se relaciona as ações empreendidas por Eurípedes, homem teórico e racional cuja arte levou a falência das demais ao questionar a tragédia e inaugurar um novo gênero. Seu pensamento crítico excluiu a música – componente dionisíaco da tragédia, assim como, o apolíneo que a compunha.

O segundo motivo, deve-se ao socratismo de Eurípedes definido por Nietzsche (1992, p. 79) da seguinte maneira:

Dionísio já havia sido afugentado do palco trágico e o fora através de um poder demoníaco que falava pela boca de Eurípedes. Também Eurípedes foi, em certo sentido, apenas máscara: a divindade, que falava por sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento, chamado SÓCRATES. Eis a nova contradição: o dionisíaco e o socrático, e por causa dela a obra de arte da tragédia grega foi abaixo. Ainda que Eurípedes procure nos consolar com sua retratação, não consegue: o mais esplêndido templo jaz em ruínas; de que nos servem as lamentações do destruidor e sua confissão de que era o mais belo de todos os templos?

Por meio da racionalidade, Eurípedes conseguiu vencer a tragédia ésquiliana implementando um novo juízo artístico, pois quem fala por Eurípedes era Sócrates, um protótipo de homem teórico que almejava dissipar o que chamou de conhecimento verdadeiro da aparência. Dessa forma, introduziu na arte elementos como o conceito e a lógica, promovendo “[...] uma subordinação do poeta ao teórico, da beleza à razão” (MACHADO, 2005, p.10).

Esse impulso racionalista passou a tratar do homem cotidiano e seus pequenos dramas, levando a tragédia para um processo de individuação, sobressaindo-se a preocupação com a função social da arte e a racionalidade que permitiria a produção belo segundo a compreensão socrática.

Assim, Eurípedes mantém inicialmente apenas o impulso apolíneo no fundo moral de suas obras, exclui Dionísio e suas diversas máscaras e insere o homem cotidiano no palco trágico. A partir desse momento, o expectador tem a oportunidade de identificar-se com o herói que possui características humanas, construídas historicamente, na medida em que trata da realidade e por meio da racionalidade compreende o belo por meio de uma nova estética fundante da civilização ocidental. (LIMA, 2011).

Emerge, portanto, em meio à arte trágica, a dialética originária da arte socrática, com o fim último de enfraquecê-la e lhe substituir por um novo modo de pensar no qual predominam criações modernas imbuídas dos valores socráticos, tais como a beleza, a justiça, a bondade e a virtude. Ao buscar a verdade e não o herói mítico, Sócrates travou um embate com a tragédia que deveria ser superada por meio da razão, por ser a única que ao vestir-se de valores teóricos otimistas tornar-se-ia capaz de justificar e corrigir a existência.

Contudo, o desaparecimento da arte trágica trouxe infortúnios tanto para a cultura do homem grego quanto para a do moderno, afinal seus reflexos eram evidenciados por Nietzsche na cultura alemã do século XIX. Em sua obra *O nascimento da tragédia*, além de ser ilustrado claramente esse quadro, são tecidas várias críticas a metafísica socrática que teria destruído a cultura trágica. Dentre as conclusões que emergem na obra, o filósofo evidencia que o futuro da cultura alemã dependeria diretamente da arte – a única capaz de fornecer as bases para a construção de uma cultura autêntica. Atribui ao “[...] ao verdadeiro artista, gênio transfigurador, a tarefa de restaurar a saúde da cultura ao fazer da arte a exaltação da força vital do homem”. (CASTRO, 2008, p. 130).

A volta de Nietzsche à cultura trágica grega justifica-se pelo fato de acreditar que a arte poderia redimir o homem do sofrimento sem precisar negar a vida, que por sua vez, é o único critério cujo valor não pode ser mensurado. Concebe-a como destinação trágica que pode assumir estatuto de obra de arte com inspiração apolíneo-dionisíaca, permitindo ao artista criar constantemente novas formas. (BARBOSA, 2011).

Portanto, não é a razão a responsável pelas condições de vida que assumimos em suas diferentes fases tampouco pela redenção do sofrimento, além disso:

[...] o caráter fundamental de todo acontecer não está ancorado na razão, mas, ao contrário, na vida enquanto *potência* capaz de oscilar da negação à afirmação, do fundo obscuro regido por Dionísio ao plano de superfície recortado e ordenado pelo *principium individuationis* regido por Apolo, sem, contudo, cair no pessimismo. (BARBOSA, 2011, p.12).

Assim, entre as características que mais se destoam na arte trágica está o fato de que arte e vida não estão dissociadas, pelo contrário se equilibram e conflitam constantemente. A tragédia é compreendida “[...] como princípio de criação de um *modus* de vida; a vida como processo de criação, execução, assimilação, sentimento e experiência do trágico”. No trágico é possível observarmos o valor da vida e, mesmo que existam contradições à vida redime a si mesma. Assim, o trágico corresponde a “[...] a inseparabilidade do alto e do baixo, do verdadeiro e do falso, do bem e do mal”. (BARBOSA, 2011, p.12). O resultado direto da compreensão apolíneo-dionisíaca do mundo é uma “uma bela imagem do mundo passível de ser assumida como puro êxtase e que é como que justificada na criação artística que mantém, na tragédia, os elementos fundamentais do fenômeno *vida*”. (Idem, p.13).

Nietzsche compreende a arte como justificação estética da existência, uma vez que, ilustra a vida elaborando-a a partir de diferentes máscaras. Toma como referência a ser seguida a obra do músico Richard Wagner que ao ser compreendido por um número maior

de pessoas permitia o diálogo com outras artes, forçando a ocorrência de um diálogo. (PETRY, 2012).

Wagner trazia em sua obra um possível renascimento dos impulsos dionisíacos e apolíneos que integravam a tragédia ática, fazendo emergir o renascimento da tragédia e a esperança de renovação da cultura decadente instaurada na Alemanha. Isso seria possível por meio do resgate do equilíbrio que entre a razão representada pelo deus Apolo e a não a razão pelo deus Dionísio por meio da música e, sobretudo, da ópera.

Com o objetivo de caracterizar a relação mantida entre Nietzsche e Wagner, cita Antunes (2008, p. 53 -54):

Friedrich Nietzsche e Richard Wagner, como se sabe, mantiveram por aproximadamente uma década intensa relação de amizade e de contribuição artístico-filosófica. Durante este período, Nietzsche considerou Wagner a maior expressão da música europeia, a própria expressão da música dionisíaca na Modernidade. O jovem filólogo alemão, em suas aventuras teórico-artísticas juvenis, embalado na proposta artístico-revolucionária do (jovem)-Wagner, ao constatar a crise à qual a cultura europeia havia-se enredado, pensou a possibilidade (e ao mesmo tempo a necessidade) de uma mudança radical na cultura europeia. Esta mudança teria como via a Arte, a necessidade de (re)fundação de uma nova forma de arte: uma arte livre. Desta forma, parece-nos que a grande Arte, nos termos pensados pelo jovem Nietzsche e pelo jovem Wagner, somente poderia ser pensada em formações culturais onde a ciência instrumentalizada não apareça como princípio norteador da vida humana, pois, para ambos, a Arte Moderna estaria envolvida em um manto de interesses individualistas que destoam totalmente de seus verdadeiros princípios.

A crença compartilhada por ambos de que, na arte helena, especificamente no período anterior a Sócrates, existiam impulsos que poderiam subsidiar a arte moderna, por meio do gênero artístico trágico que possibilitava a dramatização da realidade cotidiana desse povo aproximou-os e, permitiu a elaboração de novos paradigmas para a cultura ocidental até então dotada de niilismo.

Wagner interpretava a música como a essência do mundo por possibilitar a expressão da vontade universal e como um tipo de arte dionisíaca que permitia o nascimento da tragédia, conjuntamente, emerge seu componente apolíneo que acresce-lhe a palavra e a cena.

Constrói-se, portanto, um coro dionisíaco cujas imagens apolíneas são transportadas para o mundo permitindo ilustrar o mito trágico cuja sabedoria dionisíaca dá-se pelo “[...] aniquilamento do indivíduo heróico e de sua união com o ser primordial, único e originário, que é, em última análise que Schopenhauer chamou de vontade”. Ao se basear na música, o renascimento da tragédia representou a “[...] expressão das pulsões artísticas apolínea e dionisíaca, união da aparência e da essência, da representação e da vontade, da ilusão e da verdade, é a atividade que dá acesso às questões fundamentais da existência”. (MACHADO, 2005, p.09).

Por meio das palavras do próprio Nietzsche (1992, p.188) compreendemos:

Do fundo dionisíaco do espírito alemão alçou-se um poder que nada tem em comum com as condições primigênicas da cultura socrática e que não é explicável nem desculpável, a partir dela, sendo antes sentido por esta como algo terrivelmente inexplicável, como algo prepotentemente hostil, a música alemã, tal como nos cumpre

entendê-la sobretudo em seu poderoso curso solar, de Bach a Beethoven, de Beethoven a Wagner.

Ambos, Nietzsche e Wagner, acreditavam que a resolução dos problemas inerentes à cultura alemã estava relacionada à arte⁷ que tornaria possível o renascimento do gênio alemão dotado da força dionisíaca que houvera sido reprimido pelo espírito teórico socrático até aquele momento. Caberia, assim, à música wagneriana esse papel de renovação cultural e despertar deste espírito alemão. (MACHADO, 2005).

Outra solução para “salvar” a cultura alemã encontrava-se na filosofia de Schopenhauer, que também emergia imbuída de uma perceptível fonte dionisíaca cumprindo o papel de aniquilar o otimismo socrático. O jovem Nietzsche propunha uma retomada da arte trágica grega como modelo para um novo redirecionamento da arte moderna orientada, até então, pelo socratismo. Buscava-se, portanto, o renascimento da arte apolíneo-dionisíaca trágica, tendo como influência a óperas de Wagner e as contribuições de Schopenhauer.

Em suma, percebe-se que essa obra é dotada de diversas esperanças construídas pelo filósofo, que via na arte helênica possibilidades de salvação da cultura germânica. Seu ponto essencial é que a única justificativa para a existência é a estética (trágica).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra *O nascimento da tragédia*, é possível vincularmos as preocupações de Nietzsche em relação à arte e seus reflexos sobre a cultura grega, na medida em que constrói o entrelaçamento de dois impulsos fundamentais: dionisíaco e apolíneo. Observamos também as transformações trazidas pela dialética socrática que causaram sua racionalização e decadência, sentida inclusive na cultura alemã no século XIX.

Para Nietzsche a sabedoria trágica era compreendida como algo positivo, que daria sentido à vida do homem grego cuja condição de vida assentava-se sobre a natureza distinta e complementar dos impulsos apolíneo e dionisíaco. Contudo, por meio da ação de Eurípedes que vestiu a “máscara” socrática e sua dialética, a cultura passou por um processo de destruição cedendo ao nihilismo.

A resolução para essa decadência citada em *O nascimento da tragédia*, estava contida na obra do músico Wagner que trouxe consigo elementos do apolíneo e do dionisíaco, reaproximando a arte e cultura como propunha Nietzsche. Contudo, no decorrer dos anos, o filósofo observa mudanças na obra wagneriana e passa a tecer importantes críticas ao trabalho que desempenhava.

De maneira geral, o filósofo nos permite pensar a arte moderna tendo como referência a arte grega constituída por impulsos apolíneos e dionisíacos - elementos necessários para despertar o espírito alemão tendo na música o caminho necessário para “salvar” a arte e a cultura decadente.

Podemos destacar então que a originalidade da obra de Nietzsche está contida no fato de perceber as contribuições da música para reestabelecer a tragédia ática, tendo-a como modelo para repensar a cultura alemã, embora não tenha sido o único filósofo que propôs a supremacia da arte sobre a razão.

Em decorrência do que foi discutido, é importante destacar que tais considerações resultam de minha primeira aproximação com a obra de Nietzsche e trazem

⁷ Vale destacar que em escritos posteriores Nietzsche tornou-se um grande crítico de Wagner e sua obra que em um primeiro momento retomou a estrutura mítica, mas em seguida a transpôs para um viés moral, tendo na política seu principal objetivo e, não mais na vida. Parte das críticas de Nietzsche a Wagner podem ser lidas na obra *O Caso Wagner*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

em si, compreensões que ainda são frágeis frente à forma como *O Nascimento da tragédia* foi construído e sua importância filosófica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Jair. Nietzsche e Wagner: caminhos e descaminhos na concepção do **trágico**. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 2º semestre de 2008 – Vol.1 – n°2 – pp.53-70. Disponível em: <http://tragica.org/artigos/02/04-jair.pdf> Acesso: 01/01/2017
- BARBOSA, Ildenilson Meireles. **Arte trágica, pessimismo e redenção em O Nascimento da tragédia**. Rev. Trilhas Filosóficas. Ano IV, número 2, jul.-dez. 2011. Disponível em: http://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N_08/IV_2_0art_Pretextuais.pdf Acesso: 01/01/2017
- CASTRO, Cláudia Maria de. **A inversão da verdade. Notas sobre o nascimento da tragédia**. Rev KRITERION, Belo Horizonte, n° 117, Jun./2008, p. 127-142. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v49n117/a0749117.pdf> Acesso: 01/01/2017
- FREITAS, Gildete dos Santos. **O labirinto da arte trágica nos primeiros escritos de Nietzsche**. São Paulo, 2007. 116 f.: 30 cm Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2007. Orientador: Prof. Dra. Yolanda Gloria Gamboa Muñoz. Disponível em: http://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/047.pdf Acesso: 02/01/2017
- KOEHLER, Rafael; CANDELORO, Rosana Jardim. **O problema da origem da tragédia em Nietzsche**. Griot – Revista de Filosofia v.6, n.2, dezembro/2012. Disponível em: http://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol6-n2/9-O_PROBLEMA_DA_ORIGEM_DA_TRAGEDIA_EM_NIETZSCHE.pdf Acesso: 03/01/2016
- LIMA, Sandra Mara Moraes. **A Morte Trágica**. REEL - Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, n. 9. s. 2, ano 7, 2011. Disponível em: periodicos.ufes.br/reel/article/download/3722/2948 Acesso: 02/01/2017
- MACHADO, Roberto (org) Nietzsche e a polêmica sobre **O nascimento da tragédia Textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Mollendorff**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MARTINS, Rafaela Pedreira. **Nietzsche e a música: uma análise de “O nascimento da tragédia”**. Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - Bolsa PIBIC/CNPq. Agosto de 2012. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/webform/projetos/bolsistas/RPM.pdf> Acesso: 03/01/2016
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e Pessimismo I Friedrich Nietzsche**. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. - São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

PETRY, Isadora Raquel. **Arte e *décadence* em Nietzsche: o caso Wagner, tornar-se desde o Nascimento da tragédia.** Rev. Existência e Arte – Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei – ANO VIII – Número VII – Janeiro a Dezembro de 2012. Disponível em:
http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Arte_e_decadence_em_Nietzsche.pdf Acesso: 01/01/2017